



## Do desconcerto do mundo à tentativa [poética] de o concertar: a ética como a chave única para todo um processo de transformação, em “A Voz das Minhas Entranhas”, de Deusa d’África

Matos Matosse

[...]

*Arte é amar*

*Amar é fazer arte*

*A arte do coração*

*A arte de cuidar e de proteger*

*A arte de quem sabe acolher*

*Oxalá que sejamos todos verdadeiros artistas<sup>1</sup>.*

Samira Longamane, poetisa moçambicana

O livro, *A Voz das Minhas Entranhas*, está estruturado em duas partes: a primeira, é atribuído o nome *Masmorra*, tem 26 poemas e a segunda, *Fórmula da morte*, com 13 poemas. É o primeiro livro de Deusa d’África, editado pelo Fundac, em 2014. Depois, vieram outros: *Equidade no Reino Celestial* (romance), pela Editora de Letras, em 2014; *Ao Encontro da Vida ou da Morte* (poesia) pela Editora de letras em 2014; *Cães à Estrada e Poetas à Morgue* (poesia), pela Alcance Editores, em 2022; *Uma Onça na Cidade* (romance), pela Alcance Editores, em 2023; *METAMISERISMO Uma Nova Escola Literária*, em co-autoria com o escritor Dom Midó das Dores, pela Alcance Editores em 2023; Co-autora do livro organizado por Cíntia Acosta Kutter e Gabriela Silva, *Femininas Vozes Transatlânticas*. In. O Escritor e o Construtor – auto-apresentação de “a voz das minhas entranhas, ao encontro da vida ou da morte e equidade no reino Celestial”. Bestiário. 2024.

<sup>1</sup> In. *sangue e poesia, novas vozes femininas*; antologia poética; reúne obra de várias mulheres (jovens) moçambicanas; organizada pela gala-gala edições, 2024.

Logo, à primeira leitura, sem muito aprofundamento, digamos, – apenas, percorrendo-se os títulos dos poemas – infere-se que a poesia de Deus d'África aborda, centralmente, a temática de **liberdade**, de **amor** e de **morte**. Entretanto, na abordagem da temática de amor, a autora traz-nos um amor mal vivido. Melancólico.

Nesta esteira temática, em que a autora nos traz temas – [parece haver repetição] – que servem de uma “umbrela”, podemos encontrar, *subtemas*, por exemplo, *prostituição*, *adultério*, nos poemas *O Vai e Vem do Meu Amor*, *Os Olhos que Falam*. E como as aborda? A temática de liberdade é reclamada, é-nos manifestada, em poemas, nos quais, o eu-poético vê-se aprisionado e agredida a sua liberdade. As imoralidades, à sua volta ou outros factos desajustados com os valores morais: agressão, a violência, falta de respeito, etc. Veja o excerto do poema *Eternidade: ...depois de assinar o negócio jurídico/ Pancadarias e críticas inacabadas/ Em todos locais, até no berço/ Da criança dormindo*. – A falta de piedade. Do respeito pela vida de uma criança, puramente, inocente.

Neste poema, para a temporalização das “ocorrências”, recorre aos conectores [*antes* e *depois*] que são usados, frequentemente, em textos narrativos: *antes*, indicando a analepse<sup>2</sup> = a interrupção de uma sequência cronológica narrativa para interpolação de eventos ocorridos, anteriormente; *depois*, indicando a prolepse<sup>3</sup> = a antecipação de eventos futuros, descrevendo-os como se já tivessem ocorrido ou fossem acontecer.

Síntese: *antes* = amor, harmonia, rosas, ternura vs *depois* = pancadarias, violência, críticas inacabadas, desrespeito. Uma mudança abrupta do comportamento.

A temática de *morte*, embora seja, também, trazida, em alguns poemas da primeira parte – paralelamente, à temática de *amor* –, recorrendo-se ao «jogo» de cruzamento temático, [onde, num único texto, temos mais de um tema], é, intensamente, abordada, na segunda e última parte do livro.

A questão axiológica, que constituem a maior preocupação da autora, não se resumem, apenas, aos comportamentos éticos citados, noutros parágrafos, mas também, a outros como: desconsideração, falta de empatia, egoísmo, etc. Ao se abordar estes assuntos e outros, entra-se na temática de *intervenção social*, onde a voz do poeta soa como uma trombeta. Alerta. Crítica. Condena.

Em *São e Vão: os olhos do poeta são um mar*, a autora, recorrendo, à metáfora, mostra-nos a amplitude do olho do poeta. O olho de um poeta vê aquilo que um outro olho não consegue ver. Olho de um poeta não só vê, assim como sente. Tem maior abrangência. Figurativamente, é uma

---

<sup>2</sup> FIUZA, Mário, *Introdução ao estudo do texto literário*, Tipografia Bloco Gráfico, Limitada, Porto, 1977.

<sup>3</sup> Idem.

visão de águia. Capta tudo e retrabalha-o, usando artifícios apropriados, depois, recoloca-os à sociedade:

*...homens bons e maus vão jogando o lixo mesmo respirando/ esse ar.*

Aqui, a autora critica o comportamento humano que atenta contra o meio ambiente. A poluição ambiental; a ocupação de espaços, desordenadamente, a invasão aos espaços tidos como «pulmão das cidades»:

*...casas vão se erguendo na paridade territorial a desmoronar.*

Em *Quarta-feira*, a triste situação da pobreza faz que um recurso à sobrevivência seja a prostituição:

*Aquela rameira  
Vendeu a quarta  
Numa manhã cheia de ternura  
Pronta para parir o dia  
Quando foi feira.*

E mais adiante:

*A velha levou a quarta parte do dia  
Para uma feira  
Numa periodicidade  
Em que tal como a cidade, o mercado se encontrava  
Azafamado por monopolistas com quem negociava*

*Em troca de míseras moedas  
A velha vendeu ainda **esverdeada**  
a parte quarta dos dias, como vendeu a **enteada**.*

*[...]*

*– É verdade imperatriz*

*Que aquela meretriz*

*Que diz ser atriz*

*Dos prostíbulos, na feira vendeu os dias*

*A parte quarta dos dias*

*E os monopolistas  
Tornaram-na e o pior, é que para a civilizarem  
chamam-na por quarta-feira  
Como se não existisse nome melhor  
[...]*

Atenção à ênfase acrescentada [o negrito]. Então, que significado têm? Mostram a gravidade do assunto que, até mesmo a autora evita, propositadamente, trazer estas expressões: *prostituição infantil. Pedofilia*. Esverdeada é, na essência, uma metáfora que representa alguma menina que é envolvida em actividade sexual. Há um desrespeito pela dignidade da pessoa. Este poema tem alguma similaridade temática com *O Vaivém do Meu Coração*, segunda estrofe:

*[...] Vai vender a vida/ Para outras clientes/ No mercado do pénis [...]*

Entretanto, neste verso o vendedor do pénis, sendo um casado, comete o adultério. Ver o poema *Os Olhos Que Falam*.

Em *Hoje Apetece-me*, um poema cujo eu-poético é feminino, aliás, em quase todos os poemas, o eu-poético é feminino. Se por um lado temos uma figura feminina, por outro, somo-nos apresentado o objecto-poético masculino, claro. O prezado leitor vai surpreender-se com o processo estilístico, para a criação do belo artístico. O recurso ao advérbio de tempo [hoje], compondo o seguinte verso: *Hoje apetece-me*, o poema, em alusão – repetido em todas as estrofes –, confere a impreteribilidade ao ensejo do eu-poético:

*[...]  
Hoje apetece-me/ Pintar os teus lábios,  
Com a tinta da minha boca,  
E este pincel nela mergulhado  
até ela ficar oca  
[...]*

O ápice deste poema parece-me estar centralizado na estância seguinte: *Hoje apetece-me/ Ao altar, levar-te,/ E casar-te,[...]* – [o emprego do adjectivo **só** e **só** – que, também, funciona como advérbio, dependendo do contexto em que tiver sido empregue] – tem um valor semântico que reforça a *impreteribilidade* – a que me referi, nas linhas anteriores.

E continua, assim:

[...]  
*Ter a lua-de-mel,*  
*E esquecer a acerbidade*  
*Desse coração fel*  
*Escolha de homem, cheio de sumptuosidade*  
[...].

E esta cumplicidade manifestada pelo sujeito-poético: *Hoje apetece-me/ Fumar as tuas mágoas/ ...;* e esta parte final do poema: *Hoje apetece-me/ Nas tuas entranhas, arquejar/ Nelas manejar/ Mergulhar no mar da incerteza, só para te ter.*

Recorrendo à anáfora, sublinha a sua intenção manifestada, com o apoio ao imperativo positivo [vai coração] e do vocativo [E vem meu amor]. Embora não se tenha observado, com rigor gramatical, a sua construção. Neste poema, opera com cruzamento temático: o de intervenção social e o de amor, mas um amor vivido com alguma mágoa. Há um plano isotópico que nos remete à falta de chuva, o solo irrigado; à infidelidade que tem o seu custo: [...*No mercado do pénis/[...]/ Vem me dar a vida/ Que tua clientela/ Esgotou-ta/ Dando-te o bónus da Sida*]. Aqui, recorre à figura de estilo denominada metalepse.

Na segunda estrofe, introduz o sexto verso com uma parataxe [Mas], para indicar a contrariedade de ideias expressas, anteriormente, com as que vêm nos versos a seguir, com uma emocional forte: [*Mas não te esqueças/Da nossa mansão/De areia que pode desmoronar*]. Nestas duas passagens, há uma advertência ao objecto poético. As marcas da sua condição social: *...de área.../raizando migalhas da sua remuneração*. Aliás, estas marcas podem, ainda, serem identificadas, no poema *Numa Manhã Nervosa*: *...desde o colchão sustentado/ por dez blocos de cimento*. Porém, pode subtender-se haver alguma contradição, se nos atentarmos nos versos seguintes deste mesmo poema. Pois, faz-se a descrição de outros bens que nos possam confundir: *coleção de sapatos.../ capulanas bastante significantes* [...].

No poema da pág. 28, sem título, é um dos textos em que a autora faz um jogo mirabolante de palavras, brinca com elas como se tivessem alma. Faz a troca das isotopias, umas remetendo-nos à morte; outras, porém, ao amor. Vejamos alguns casos: *...Pupilas enlutadas, sim enquanto eu não ressuscitar...// Teus/ Lábios decorados pela terra/ Erguem tectos* – [sinédoque, recurso estilístico que adopta para deixar mais expressiva a sua ideia] – *para neles o homem morar...//...Esculpir tua*

*carícia, o teu beijar – [silepse] – O teu cheiro e o teu pestanejar//Até/ Malangatana reconhecer minha habilidade.*

Nas entrelinhas deste poema, exalta-se a arte de esculpir. Faz-se alusão ao nome do grande artista moçambicano, Malangatana. Quem fala do mestre Malangatana, fala, também, de Alberto Chissano, fala de Nagab, de Noel Langa e de outros. Um reconhecimento dos méritos de Malangatana, particularmente. O sujeito-poético faz um paralelismo, enquanto Malangatana esculpe em madeira, toros, o sujeito-poético esculpe “sentimentos de verdade”.

A questão de instabilidade, irmãos que se odeiam, que se matam, que não se falam, etc., é abordada sem muita pintura estilística:

*Malditos Crocodilos  
Que atacam outros crocodilos, irmãos!  
quando tentam fugir do rio, sem deixar rastros.*

*Malditos que se vestem de paz  
e decoram sua casa de guerra  
exalando as lágrimas de açúcar  
ao atacar suas presas indefesas.*

De novo, a questão axiológica, o cerne de toda esta imoralidade, que, infelizmente, afecta a sociedade. A sociedade sofre este mal. Desde o topo à base.

Em *Hoje estou fértil*, está patente mais um desajuste comportamental. A sociedade condena mulheres que – por alguma razão – não tenham filhos, sem, antes, inteirar-se das reais causas. Este comportamento vai “obrigar” o sujeito-poético – por mais que esta atitude fira a sua ética, o seu carácter, vá contra os seus valores, os princípios – à *vingança*. A vingança é abordada lá para o fim do poema. Mas, nos primeiros versos, sente-se algum desconforto, sobretudo, nos versos da segunda estância: *Aguardando pela semente/ Que não chega para cobrir/ de esperanças, aos olhos humanos*. Veja a profundidade do verso destacado. A “satisfação” por esperar um rebento é para os outros, não para si. O conteúdo destes versos é sublinhado, nos versos da terceira estrofe: *Pronta para receber/ E para doar/ À sociedade, seres esperados*. Mas é na última estrofe, em que se nos revela agastada pela má atitude humana, e aceita receber o sémen *para calar as vozes dos que, me chamam de estéril/ e [vingar], os que me deram fertilizantes*. [os colchetes, à palavra vingar, são meus. Com eles pretendo salientar esta atitude de vingança.]

Torna-se-me um desafio muito grande escrever sobre a obra do poeta Deusa d'África<sup>4</sup>; uma obra reconhecida dentro e fora do país; tem prémios e distinções. Aliás, este livro ganhou o Prémio Literário Internacional ALPAS, 2011.

A obra de Deusa d'África é esculpida com rigor estético comparável a dos grandes talhadores do verso. Aqui, posso trazer José Craveirinha, Armando Artur, Luís Patraquim.

Para além dos temas vistos, nos parágrafos anteriores, aborda-se, também, a temática de *crença em Deus*; um exemplo claro, o poema *Génese, Hoje Apetece-me, O Erro Divino*.

Deusa d'África tem o cuidado, na produção da sua poesia, destes três elementos fundamentais que constituem uma verdadeira obra poética: a coesão, a temática e coerência. A autora mostra-se-me com grande domínio do vocabulário, isso facilita-a a fazer jogos semânticos de diferentes formas.

Em *O Erro Divino*, a autora estabelece a comparação entre a morte e matrimónio. Na sua sensibilidade crítica, a morte é mais deliciosa vs matrimónio, vão, efémero. Diz que foi o maior erro o facto de se ter estabelecido *uma aliança/ Entre homem e mulher*. Neste poema a temática é a de *crença em Deus*, embora nos traga esse lado de «discórdia». Deus é quem estabeleceu a relação homem – mulher, desde a criação do cosmos. O homem, porém, pela sua concupiscência, descaminha-se, *coisificando* a figura da mulher. Por meio da poesia, a autora levanta a sua voz, levantará, certamente, a voz das outras mulheres:

*Estabelecer uma aliança*

*Entre homem e mulher*

*Foi o maior erro*

*Mesmo anulado por zero*

*Até a morte é mais deliciosa*

*Que o matrimónio*

*Que só entulha o ministério da justiça*

*de processos de injustiça*

*Promulgados no divórcio*

*Numa progressão geométrica*

*Crescente em cada manhã.*

---

<sup>4</sup> Ela prefere que seja tratada, assim, poeta à poetisa. Há debates sobre a utilização deste termo. Ainda, vamos saber.

O poema, sem título, pág. 39, parece-me ser o ápice; o ponto de saturação da autora. Ao mesmo tempo, o “desaguar” de sofrimento manifestado, nos poemas das págs. 36, 37 e 38:

*Ontem apagamos o amor  
No quadro da vida,  
Cujas mãos envelheceram-se por amar  
Enrugando os olhos dos que naquela turma  
Mal-educados foram.*

Implicitamente, nestes versos, a autora introduz a noção de *liberdade*, que, com maior perspicácia, será tratada, mais adiante.

Na poesia de Deusa d’África, concretamente, no poema sem título, pág. 30, a alusão à filosofia, restringindo-se à mitologia grega, a deusa das águas. [Existia várias deusas de água, mas salienta-se Anfitrite, a rainha do mar e esposa de Poseidor e Tétis, ligada às águas doces e nutrição.] Faz-se elogios a uma figura feminina. Admiração pela a sua beleza:

*Vos que sois deusa  
menina dos sonhos meus enfeitiçados  
pela beldade e vossa voz que fez meus olhos encantados.*

*Vossos cabelos curtos,  
pretos resplandecentes e que não perdoam  
rodeados pelos insectos voadores  
que revelam que vós sois deusa  
mãe das águas, ao vivo e a cores  
vós que fostes dado o poder  
de governar o trono de ser bela.  
[...]*

E sintamos a doçura de poema, em que se elogia, tal como no anterior, a beleza feminina:

*Minha Joana  
Linda como a Ana  
Todavia, nenhuma é a outra  
A Joana é a linda Joana*

*E a Ana é também a linda Ana.*

[...]

*Minha Joana*

*Cuja beleza só seus deuses*

*Conhecem a sua proveniência*

*E sua clemência*

A segunda e a última parte do livro, *Fórmula da morte*, a autora faz uma viagem pelas nossas raízes:

*...Suja os deuses que dormem por debaixo da terra*

*Um incenso dentro de quatro paredes...*

Vamos explorar um pouco mais os elementos deste poema. *Suja* = profanação; *Deuses* = ancestrais, antepassados; *incenso* [dentro de quatro paredes] = purificação do ambiente. *Dormem* = significa que os nossos mortos, quando forem “chamados”, acordam e dialogam conosco. Neste poema, a autora debruçar-se sobre a metafísica, a transcendência. E a espiritualidade.

É impressionante a maneira suave, alegre, embora com alguma tristeza ténue, como ela trata a morte, recorrendo à figura de estilo – eufemismo. A autora não teme este animal. Encara-o com coragem e alegria:

[...]

*Saber morrer em paz e sorrir*

*Mesmo quando o sepulcro é pouco agradável*

[...]

E nestes versos, abaixo, não apresenta algum medo ou susto perante esta arma branca [punhal], penetrante e cortante, sequiosa, “prestes” a sorver o sangue das suas entranhas. E como um Sócrates a receber, alegremente, a cicuta que lhe levaria a sua vida.

[...]

*Um punhal*

*Para encravar*

*Em minhas entranhas  
A liberdade  
E livrar-me da colonização da vida.*

Nesta estância, as palavras: *punhal* e *liberdade* constituem o núcleo. Punhal = como um instrumento que fere, mata, violentamente; liberdade = estar livre de todo o sofrimento [colonização da vida]. Sabe que a sua alma irá para o céu, e, em *A Rendição do Inferno*, deixa-nos com esta dúvida: lugar das trevas, ... *amar-nos-íamos nas trevas*. Mas, depois da rendição da luz, o que sucede? A palavra *berço* está, intimamente ligada à expressão *um affecto*.] Não se trata de suicídio. Não é isto que o texto nos alude. O poema *Perguntas*, vem como uma resposta a estas inquietações. Ficou a impressão de que a autora não amasse a vida. [Recorre a anacoluto]. Ei-la:

*Quando alguém me pergunta se feliz sou  
A esse alguém respondo  
– Propósitos há por revelar a felicidade  
E felicidade há ao revelarem-se propósitos.*

Mas é nestes versos em que o amor pela vida é mais notório:

*Quando alguém mo pergunta o que faço da vida  
A esse alguém respondo o que faço dela.  
– Aprecio-a, amo-a, o mínimo que eu possa fazer por ela estar  
comigo.  
Dela desde que nasci me enamoro  
Quando a pedi em namoro  
E como usei paralogismos para tê-la  
Ela não resistiu e disse-me: – sim.*

Este poema pode ser considerado – um clamor, um grito. Simultaneamente, o epicentro da obra deusania. [Nem sempre o texto que dá título a uma obra literária seja, por isso, o centro dessa obra.] A autora mostra como é fundamental a esteira familiar. A família é a base na construção de valores, depois temos a sociedade. A escola formal. A igreja. Mas, todas estas instituições parece não surtirem o efeito desejado.

[...]

*Um affecto*  
*Como um insecto*  
*Cujo pai ensina-o a voar.*  
[...]

Em *O Melhor Dia Para Se Morrer*, levanta-se questões como evocação aos nossos antepassados [já me referi a este aspecto]; a Cahora Bassa vs faltando-nos, porém, a energia ou as quinhentas que no-las rouba sufocam os bolsos. Fecha-o com esta construção tão linda; uma vez mais, brincando com as palavras: *Um silêncio da noite emudecida*.

Em *Fórmula da Felicidade*, o eu-poético tem saudade do seu amado, tratando-o, tão, carinhosamente, por *meu deus*. Repare, o nome [deus], atribuído ao seu amado, que se encontra longe, confere-lhe, conquanto não esteja dito, atributos extraordinários; o beijo que, ainda, derrete o seu sabor nos *...meus lábios...* mostram a maneira como este amor era vivido. Mas esta felicidade durou pouco. Ora, a autora deixa a fórmula da felicidade. Qual, então? É, simplesmente, esta: a *cedência*. A relação entre duas pessoas, caso de um casal, brilha, dura, espraia a sua fragrância, quando houver cedência, harmonia: *pois sempre cedemos para sermos felizes*.

Em *Rendição do Inferno*, este poema é como se fosse a continuidade do anterior. Há cruzamento temático: *amor, morte e crença em Deus*. Há percepção de que o seu amado partiu desta vida; a vontade do nosso sujeito-poético é ser levado junto do seu amado, para continuarem a se amar, um ensejo expresso por meio da condicional [se]:

*Se me levasse junto ao meu amado*  
*Amar-nos-íamos nas trevas,*  
*Até à rendição da luz,*  
[...]

Fala da discriminação, da desigualdade celestial, todavia, esta atitude – quando a luz se render às trevas, tudo terá fim: [...] *e, as presas ganhassem o direito de tocar a cruz/ e seríamos levados a praça dos heróis celestiais*. As presas são os que estão nas trevas[?!]. Isto não será por causa dos nossos pecados? Da nossa desobediência a Deus? Tocar a cruz é a salvação.

A desgraça. O sofrimento. E como diz, Deusa d'África, *O quão odeio as suas idiotices*. [O negrito é o meu.] Atenção, a autora vai deixando, em cada verso, o que ela espera deste mundo. Ela espera ver e viver num mundo justo, onde as pessoas vivem em liberdade, em paz, com honestidade,

empatia, compaixão. Mas não. Vive num mundo desconcertado. Num mundo que *se vai ruindo de tédio* – este desgosto profundo que faz que se olhe com repugnância as pessoas, as coisas ou os fatos. Vive-se uma vida precária. Nojenta.

*Morreria tão feliz  
Da infelicidade que não me foge  
E por se me ter cumprido a profecia de ser infeliz.*

*Morreria com os alvéolos inflamados,  
Com o coração negro,  
Também com a língua negra,  
Evidenciando o veneno da paixão,  
Que a fada mo servira no chá,  
Do último pequeno-almoço,  
Tomando ao lado duma divindade que mo trouxera.*

*Morreria tão confusa  
Por não ter dito ao povo  
O quão odeio as suas idiotices  
De fazer a revolução esperançosa sobre os meus versos  
Enquanto a terra vai se ruindo de tédio  
E me soterrando com a minha musa  
Que mo admoestara a dizer doseando o que não o querem ouvir*

*Talvez tantas almas fossem salvas  
Da condenação por mim influenciada  
Em decisões não financiadas*

É, *em Génese*, que se tem o princípio de tudo. A criação do mundo:

*Quando Deus fez o mundo  
A cada ser indagou sobre o que almejava  
Tendo concedido asas,  
para as aves,  
mas elas também pediram*

*espaço e penas para equilibrá-las  
que a ulterior as quebraram  
uma vez que, os cristãos acertaram  
uma asa apenas por uma pedrada  
E consumou-se o declínio.*

Uma análise breve deste poema, cujo tema é *bíblico*. A autora usa imagens. Aliás, a compreensão da poesia desta autora deve basear-se, na interpretação cuidadosa das isotopias que as seleciona. Por exemplo: indagou = oportunidade de escolha, usando a consciência; asas = liberdade; Deus deu o livre arbítrio ao ser por Ele criado, por amor; os cristãos – [que se julgaria terem um comportamento humano] – acertaram uma asa; pedrada = ao objecto usado para o cometimento do Mal. Esta desobediência é a causa do desamor, desonestidade, etc., etc., etc. Intencionalmente, a autora colocou-o no final. Como conclusão. A reversão deste comportamento abominável cabe ao próprio ser.

A poesia de Deusa d'África é uma poesia de combate. É uma forte voz da sociedade que clama pela justiça, amor, compaixão. Deusa d'África é uma grande mulher. Está, permanentemente, atenta ao seu redor. Os seus olhos, não apenas veem, sentem. Paulina Chiziane escreve no prefácio a este livro: “Neste momento de turbilhão humana, a poesia no feminino é a voz que embala, que equilibra e eleva as almas humanas em voos de esperança.”

A uma reflexão que se fazer em relação à repetição, 7 vezes, da palavra entranhas. É com algum propósito.

Enfim, o que nos resta é, somente, a esperança.

*Autor*

*Matos Matosse*

*Professor, escritor e ensaísta literário. É membro fundador do Círculo Académico de Letras e Artes de Moçambique, CALAM.*

*E-mail: [chonape.matosse@gmail.com](mailto:chonape.matosse@gmail.com)*

*+258 844164395*

*Moçambique - Maputo*